

# O PROGRESSO

PUBLICA-SE NAS TERÇAS E SEXTAS.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção na Rua do Souto n.º 2. — Correspondencias de interesse particular e annuncios por linha 30 réis: para os surs. assignantes 25 rs. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do jornal franca de porte. Preço da assignatura: (sem estampilha) por trimestre 600 réis — (com estampilha) 750 réis: para o Brazil, por navio de vela 750 réis.

NUMERO 123

TERÇA FEIRA 5 D'ABRIL

DE 1864

BRIGA 5 DE ABRIL

(Da creação d'um banco)

III

PARA melhor se conhecer o quanto é útil aos bancos, o aceitarem valores em deposito, e a influencia que esta operação tem no augmento de seus fundos, e no desenvolvimento commercial e industrial, principalmente se os deponentes receberem uma tal ou qual percentagem em relação aos depositos, examinaremos as operações do banco, em quanto á emissão de nollas, quasi inquestionavelmente as mais importantes.

Como é facil de supor, sendo o banco uma associação de capitalistas, é por meio d'accões que elle se constitue. A somma d'estas accões, ou antes do seu valor, é que fórma o seu fundo primitivo.

Não é porém com moeda metálica, não é com numerario que o banco verifica as suas operações. Não é com moeda que elle realisa os empréstimos, ou procede aos descontos.

A moeda por excellencia, o numerario dos bancos, são as suas nollas, as chamadas *notas de banco*, papel moeda, bilhetes que o banco emitta para correm de mão em mão pela simples confiança do estabelecimento. Se as letras de cambio vieram supprir muitos dos defeitos que a moeda metálica apresentava; se foram uma util invenção para o desenvolvimento e celeridade das operações e transacções commerciaes, as nollas suppreem ainda os defeitos das letras, o completam essa admiravel invenção.

Não fallaremos já da sua utilidade, como meio de se economisar o numerario, que, sabendo da circulação onde giram as nollas, por desnecessario, vae supprir as necessidades dos mercados e das praças onde é desejado. — Não fallaremos já da sua utilidade, como meio de substituir na circulação moedas depreciadas: — basta dizer, para se reconhecer a sua importancia, que as nollas são sempre pagaveis ao portador, reunindo a esta superioridade sobre as letras de cambio a vantagem de serem garantidas com o credito d'um forte estabelecimento, e a commoidade da facil guarda e transporte.

O banco pelo facto da emissão das nollas responsabilisa-se, obriga-se ao seu pagamento em moeda metálica, logo que lhe sejam apresentadas. Para garantia d'este pagamento dá, não só o seu fundo primitivo, mas além d'isso, os penhores que recebe, já nos empréstimos, já nos descontos; e que são aquellos de que já fallamos, letras, apolices, accões, joias, mercadorias de facil venda etc.

D'aqui, vê-se claramente a importancia que as nollas devem ter na circulação.

Garantidas com o estavel credito do estabelecimento que as emittiu, quem duvidará acceptal-as em pagamento?

Desde o momento em que sahirem do banco, convertem-se exactamente em moeda metálica. O que as recebeu pagará com ellas ao seu crédor, este a outro, e assim girarão na circulação, acudindo a todas as necessidades, e supprindo a moeda em todas as transacções, tornando-se sempre o seu valor tanto maior, quanto fór mais forte o credito do estabelecimento que tem obrigação de as reduzir a moeda.

Não é possível determinar precisamente qual deve ser a proporção entre o valor das nollas que o banco pertenda emittir e o seu fundo em caixa.

É esta uma operação que depende das circunstancias particulares em que se achar o estabelecimento; do seu credito; da maior ou menor extensão das transacções e operações commerciaes; da praça onde elle estiver estabelecido etc.

Mas o que é certo, é que, d'ordinario, a emissão é sempre superior ao fundo em caixa. Isto, que á primeira vista parece uma operação inconveniente e até injustificavel, tem uma razão explicativa na especial natureza das nollas, e no credito do banco.

Como as nollas equivalem a moeda para os effeitos da circulação, e como, além d'isso, todos as recebem e giram com ellas, pelo credito que o banco lhes merece, é natural que se conservem na circulação por muito tempo, passando sempre de mão em mão, e que só sejam apresentadas no banco para serem pagas e reduzidas a metal, quando estiverem em estado de já não poderem servir, por se acharem, por assim dizer, consumidas pelo uso.

Por consequencia, da observação d'este facto economico, resulta que, se o banco tiver conhecido pela experiencia, d'harmonia com as leis economicas, que durante um anno, por exemplo, só afflue ao estabelecimento uma terça ou quarta parte das nollas em circulação, não precisa ter em caixa como garantia do pagamento, mais do que o capital ou valor correspondente a essa terça parte das nollas, que lhe serão apresentadas.

Reter em caixa 100 contos de reis, por exemplo, para garantir o pagamento de 10 e conservar dormente e improductivo o capital de 90 contos, que aliás podia ir fecundar o commercio e a industria, e tornar mais solido o fundo do estabelecimento, e obter maiores lucros para os associados, sendo convenientemente applicado.

Já se conhece, pois, como é possível que o banco emitta um valor de nollas superior ao fundo em caixa, sem que d'esta operação resulte inconveniente algum, quando prudentemente dirigida.

Se tendo o fundo de 90 contos de reis por exemplo, o banco sabe que durante um certo periodo apenas afflue ao pagamento um terço das nollas em circulação, e do valor em caixa isto é, só affluem 30 contos, se o terço do fundo,

é por isso bastante para garantir a emissão dos mesmos 90 contos em nollas, não pôde haver duvida em que o banco emitta, supponhamos, 270 contos em nollas, tendo apenas em caixa o fundo de 90 contos. A razão está na observação que o banco fez de que apenas afflue ao estabelecimento um terço das nollas emittidas, e que por isso pôde emittir um valor de nollas que representem um terço em relação ao fundo primitivo.

Já se vê, ainda assim, o quanto esta operação é grave e digna de toda a circunspecção da parte do Banco. É preciso attender seriamente á affluencia das nollas ao pagamento, assim como para determinar o banco a fazer essa emissão superior aos fundos é preciso que elle conheça que a circulação comporta esse excesso d'emissão e que o banco pôde elevar as suas transacções a ponto de fazer essa emissão. Continuaremos ainda na apreciação d'esta operação do banco.

IV.

Já tivemos occasião de demonstrar como é que o Banco pôde fazer uma emissão de nollas, superior no valor, ao fundo em caixa e quaes as razões e os principios economicos, que o podem determinar a isso.

Repetimos: é esta uma operação gravissima, e a que o banco nunca deve proceder senão com a maior cautella e circumspecção, e quando tenha um perfeito conhecimento da demora provavel das suas nollas na circulação, e do numero daquellas, que aproximadamente costumam affluir a pagamento.

Quando, porem o banco reconhece que não pôde temer os resultados d'essa emissão; quando souber que pôde elevar as suas transacções e operações ao grau correspondente a essa superior emissão; quando souber que o estabelecimento goza do maior credito, a emissão de nollas superior ainda aos fundos em caixa, é uma operação da maior vantagem.

Como as nollas equivalem á moeda metálica, é certo que quanto maior fór a sua emissão, tanto maior é a circulação de capitães, são estes os que animam o commercio, as artes e as industrias, e os que mais concorrem para o seu desenvolvimento. O banco recebe igualmente os maiores lucros.

Se com o fundo de 100 contos, por exemplo, poder elevar as suas operações a ponto de poder fazer uma emissão de 400 contos em nollas, pelas razões que já expozemos, é certo que, além de não conservar dormente o seu fundo e antes, pelo contrario, o trazer em giro e tornar productivo, obterá os lucros correspondentes á emissão total, o que dará em resultado o augmento dos seus fundos, e o maior lucro para os associados.

Agora melhor se pôde comprehender a vantagem d'o banco receber nos seus cofres valores em deposito, sobretudo se garantir aos deponentes uma tal ou qual percentagem correspondente ao valor depositado. A simples guarda d'esses valores não garante ao banco uma longa demora dos objectos depositados. Podem ser depositados hoje e levantados amanhã. Uma conveniente e lucrativa applicação d'esses valores depositados, que, por ventura, se offereça e proporeione aos deponentes, determinal-os-ha a levantarem os depositos. O banco, portanto, pouco ou nada pôde contar com esses valores. Mas se, pelo contrario, os deponentes receberem uma percentagem, um juro, tal ou qual, correspondente aos depositos, é natural que estes se prolonguem, se conservem por muito tempo no banco, porque os deponentes recebem o duplicado interesse de não terem os seus capitães ou valores dormentes, mas antes rendosos, lucrativos e productivos, e de os conservarem seguros, n'um forte estabelecimento de credito, com todas as garantias, e sem os riscos a que estão sujeitos na mão de particulares.

D'aqui segue-se que os recursos do banco augmentam por meio dos depositos que o seu fundo, que os valores em caixa se tornam maiores.

E como quanto maior for o fundo do banco, quanto maiores forem os seus recursos, tanto maior será o seu credito, e tanto maior pôde ser a emissão das suas nollas, segue-se que os depositos augmentando o fundo, augmentam a emissão, o que dá em resultado maiores capitães em giro a irem fecundar a industria e o commercio, e maior augmento dos interesses do banco, dos seus recursos, e dos interesses dos associados.

São pois bem obvias as vantagens dos bancos e de todas as suas operações.

Nós dissemos que as garantias que o banco recebia ou devia receber, tanto para os descontos, como sobre tudo, para os empréstimos a que procedia, se redaziam a penhores em letras, apolices, accões, joias mercadorias de facil e segura venda e pouco sujeitas a depreciarem-se. Excluimos, pois, a hypotheca: excluimos os bens de raiz. Não é porque não consideremos os proprietarios e sobre tudo a classe agricola digna dos beneficios, que o banco lhe podia prestar: pelo contrario: estamos convencidos de que a agricultura precisa de muitos auxilios, e que precisa muito de que se lhe facilite a facil aquisição de capitães por meio dos empréstimos. Tanto estamos convencidos d'isto, e tanto desejamos o seu desenvolvimento, que havemos de consagrar algumas linhas ao credito hypothecario. Mas é que não consideramos estes bancos como os adequados a esta classe: são outros de diferente interesse; com uma organização muito diversa, os ban-

cos ruraes ou territoriaes. E é bem clara, bem facil de imaginar a razão da inconveniencia dos empréstimos do banco sobre hypothecas.

O banco tem obrigação de pagar e de reduzir a moeda as nollas que emitir, logo que lhe sejam apresentadas.

Precisa, pois, de estar habilitado para esse pagamento, e de, quando não tenha em caixa moeda metálica propriamente dita, ter em seu poder valores, que facilmente e com a maior celeridade possam ser reduzidos a moeda, o que decerto não acontece com os bens de raiz: e o banco, quando assim não fizesse, chegada uma crise, uma affluencia de nollas a pagamento, teria que luctar com inumeraveis difficuldades.

Demais, uma das vantagens dos bancos está na celeridade das suas operações. Esta dá-se, por certo, quando o que quizer contrahir um empréstimo offerecer penhores em garantia: mas não assim dadas hypothecas que demandam sempre exhibição de titulos e mil outras formalidades morosas e tardias.

E' por isso que entendemos que os bancos não devem aceitar hypothecas, como garantia dos empréstimos que fizerem.

### Lisboa 31 de Março

(Do nosso correspondente).

Votou-se finalmente na camara alta a questão do sr Bispo de Coimbra; sendo o resultado da votação a confirmação de que o sr. ministro da justiça andara legal e constitucionalmente na nomeação do sr. Montenegro para escrivão da camara ecclesiastica da diocese de Coimbra.

Depois da votação houve começo d'escandalo, por que o sr. Sebastião José de Carvalho, um dos membros da camara alta mais systematica e acciosamente opposicionista, dirigiu algumas insinuações menos delicadas á maioria daquella camara que os honrados membros do partido progressista repelliram com a dignidade que lhes é propria e ao partido a que pertencem.

Argumentos de mais para provar a necessidade de reformar aquella camara são estas scenas escandalosas que envergonham o paiz e os homens dignos que tem assento na camara dos pares. Em seguida para completarem o escandalo, os snrs. marquez de Vallada e conde da Taipa, gastaram largo tempo a discutir a maçonaria. E' cousa celebre, que uma cousa que s. ex.<sup>a</sup> condemna tanto, seja tão sua conhecida! E' que a associação liberal, seja ella qual for, é para os especuladores da religião, irreligiosa e má. A maçonaria que educa a infancia, ensinando-lhe *portuguez em portuguez*, sem dar aos educandos a apparencia cadaverica que apresentavam os protegidos pela maçonaria ao divino, que em publico se chama *Associação de N. Senhor dos Afflictos*, e secretamente, *capellas de S. Miguel da Ala*; que dá aos pobres sem a ostentação reaccionaria de uma parte da nossa aristocracia, mas segundo o preceito evangelico de não perceber a mão esquerda o que a direita dá; é uma instituição, que, por estas causas fere consideravelmente o partido retrogrado, ha-de ser sempre accusado e calumniado pela reacção, que embora dissesse parvoices n'outras partes como meio de a guerrear, não deveria nunca fazer ouvir no sanctuario das leis,

os disparates, de que para fazer justiça aos que as dizem, os seus representantes não pódem ter a convicção. Desenganem-se; já lá vae o tempo em que essas parvoices faziam effeito: o povo já sabe hoje, tão bem como o sr. marquez de Vallada, o que é maçonaria, e que s. ex.<sup>a</sup> chamando-lhe irreligiosa, mente á sua consciencia, como mente ao paiz dizendo-se liberal.

E dizem por ahí abertamente, homens que se dizem liberaes, que a reacção é um mytho, que não passa de um sonho de exaggerados utopistas! E ella a apresentar-se clara e abertamente, e ella a querer erguer o collo altivo e pizar as instituições liberaes que tanto sangue e fadigas custaram aos benemeritos que ajudaram o rei soltado a implantá-las n'este paiz. A reacção não existe, mas pugna á luz do dia pelos privilegios que a liberdade matou; pelos monoplios pelos privilegios de casas e de classes; a reacção não vive, e ha um partido que quer o ensino da infancia nas mãos do clero, que defende os morgados; a reacção é um sonho e o prelado da igreja lisbonense vae ao seio do parlamento proclamar a desobediencia e o insulto ás leis de D. Pedro, em em virtude das quaes o digno pastor tem assento e voto n'aquella casa do parlamento.

Que a reacção existe, que trabalha, que emprega todos os meios, sejam quaes forem para conseguir os seus fins, é um facto que só ousam contestar-lhe os que apesar de se dizerem defensores da constituição do estado, estão ao serviço da reacção, porque interesses mesquinhos e ambições miseraveis, lhes desvairam a razão e os fazem olvidar o amor da patria. O que vale é que para fazer-lhes face cá está o partido progressista, sempre prompto a pugnar pela liberdade, e oppor ás demasias do partido absolutista e ás apostasias dos renegados da igreja liberal, o patriotismo dos seus homens e das suas gloriosas tradições.

A reacção que em pleno seculo 19.<sup>o</sup> ousou levantar o collo altivo para atacar a liberdade d'este seculo, ha-de nelle mesmo ser sepultada em profundo abysmo que lhe castigue o arrojamento e livre as instituições liberaes dos ataques traiçoeiros que a incommodam todos os dias sem que comtudo a façam vacillar.

Os triumphos do governo repetem-se em ambas as casas do parlamento. Na camara electiva está já sancionado o principio sancto da liberdade com relação ao tabaco. Uma maioria de 23 votos proclamou este principio approvando a generalidade do projecto apresentado pelo sr. ministro da fazenda. Entrou-se na discussão da especialidade e estão já approvados os quatro primeiros artigos. As emendas e substituições que tem sido offerecidas pela camara foram enviadas á respectiva comissão. A proposito de 16 por cento que o projecto destina para os empregados da alfandega já o sr. Lobo d'Avila se convenceu que pertence mais de direito ao cofre dos emolumentos de thesouro publico e creio que será sua exc.<sup>a</sup> o proprio que porá essa alteração.

E' altamente justo que assim se faça e justissimo que se olhe com um pouco mais de escrupulo para aquelle malfadado cofre, que apenas de 4 em 4 mezes distribue uns magros 8

ou 10 %. Ha uma comissão permanentemente, que administra aquelle cofre composta de cavalheiros alias respeitaveis e honestissimos; mas que seria bom fossem substituidos annualmente por outros, para que os empregados seus collegas tenham a consciencia de que são convenientemente fiscalizadas as despesas que aquelle cofre faz.

Alem disso o trabalho é improbo e aborrecido e é justo que seja repartido por todos.

Na camara electiva passou tambem um projecto que prorroga até 31 de dezembro, o prazo para a continuação do giro da moeda antiga.

Mais alguns outros objectos tem sido tractados de reconhecida utilidade.

A imprensa discute os mesmos assumptos que o parlamento. A «Revolução», essa não discute, insuta, que é esse o seu officio. Lançar insinuações perfidas é aos olhos d'aquella folha outrora democrata actualmente canalhocrata, o mais seguro meio de ataque.

N'um dos seus ultimos numeros diz ella, que a *lei do tabaco foi calculada para interesses particulares*. Instada pelas folhas minuterias para declarar quaes esses interesses, callou-se. É o systema de calumniador convicto — lançar calumnia, e deixa-a correr. Nem prova o que diz nem se desdiz!... Miserrimo expediente. O que admira é que ainda algum se admire do que é habito tão antigo.

Termina hoje o prazo legal da actual sessão legislativa. Hoje deve haver reunião de conselho d'Estado para a prorrogação. Diz-se que será prorogado o prazo até 30 de Abril, outros asseveram que se alongará ainda até 20 de Maio.

Não está ainda nomeado o novo governador civil de Lisboa nem se sabe tam pouco sobre quem recalará tão importante nomeação.

O sr. Miguel do Canto governador civil do districto do Porto está em Lisboa.

O sr. ministro da marinha incansavel no melhoramento e progresso das nossas colonias acaba de propor ás cortes a criação de um Banco colonial, importantissimo estabelecimento que deve contribuir consideravelmente para a prosperidade das nossas possessões ultramarinas.

Ainda que deslocadamente vou indicar-lhe aqui a causa do alarido que os snrs. marquez de Vallada, conde da Taipa e Sebastião de Carvalho fizeram na camara alta. Estava dada para ordem do dia a discussão de um parecer da comissão de fazenda sobre contribuição predial e a continuação do incidente a proposito do sr. bispo de Coimbra.

Antes da ordem do dia o sr. marquez de Fronteira segredou ao sr. conde de Penicne secretario da camara que era menos delicado demorar o negocio Montenegro, porque significava uma falta de deferencia para com o sr. ministro. Além d'isso o sr. Lobo de Avila não estava na camara, nem podia vir porque presidiu na camara electiva á discussão do tabaco. Por estas razões o sr. conde de Castro começou pela questão do sr. bispo conde. O alarido da opposição foi pois todo baseado n'este procedimento a que o sr. Sebastião de Carvalho chamou ingenuamente surpresa, declarando que fóra mais tarde para a camara porque esperava aquelle assumpto na 2.<sup>a</sup> parte da ordem

do dia. Infantil inenulade! Julgava s. ex.<sup>a</sup> mais tendente ao bem da patria a discussão de um acto de cortezia ou descortezia do sr. Gaspar Pereira para com o sr. bispo conde, ou do sr. bispo conde para com o sr. Gaspar; de que o projecto sobre as contribuições com que o povo tem de ajudar as despesas publicas! Julgaram surpresa a votação de um assumpto que tres dias antes propunham se julgasse discutido!

O motivo da azafama e das expressões inconvenientes que o sr. Sebastião de Carvalho teve de retirar foi unica e simplesmente este.

### Barcellos 31 de Março

Dou entrada no «Progresso» com a minha primeira correspondencia, e prometto não sempre, mas quando os interesses da localidade o exijão, dar as minhas noticias aos leitores deste jornal, tomando sob minha responsabilidade, zelo e imparcialidade, divisa unica, que fará minha distincção tudo o que escrever.

—Por hoje tenho pouco a relatar. O som lugubre do campanario que convidava os fieis no tempo sancto á oração, as caras macilentas pelos cilicios, os taboleiros dos reboçados, as amendoas torradas, o luto, as trevas, o continuo anuviamento d'alma cessaram. Agora vê-se o radiar de jubilo em todos os rostos, um sorriso em todos os labios, um palpar d'alegria em todos os corações!

A procissão dos fogareos com o costumado brilhantismo, sahio da igreja da St.<sup>a</sup> eza da Misericordia, ás 6 horas e meia da noite de quinta feira d'Endoenças, percorrendo todas as igrejas da Villa. Era surpreendente a vista que offereciam aquelles centos de luzes no meio da obscuridade da noite, desfilando pelo campo da Feira em direcção ao Recolhimento do Menino Deus.

Este acto solemne correu sem incidente; tivemos apenas a lamentar a irreparavel troca do chapeo do sr. Eduardo Lima, e acompanhamos s. s.<sup>a</sup> em seus sentimentos...

Os leitores talvez se admirem do modo por que sentimos a troca d'um chapeo, e exigem-nos precisamente uma explicação—Eil-a:

O chapeo a que alludimos tinha tres pingos d'esterina apanhados n'um dos bailes que se deram no Porto a El-Rei por occasião da sua ultima visita ao Minho.

O chapeo tinha a essencia real... o sr. Lima lamenta por isso a perda do caro objecto, que não deixa de parar na mão d'algum emulo da sua gloria!...

Os artistas deram reunião na 2.<sup>a</sup> feira—foi pouco concorrida, apesar dos convites se arrojamem até á familia do sr. juiz de direito!

Temos noticia d'um premeditado assalto com anzol de baralho e isca de carneiro assado, ahí pr'as bandas do Patarro, pela soberana companhia da casa n.<sup>o</sup> ... da rua Direita... Consta-nos que o peixe fugira da rede com pouca perda de sangue! Cuidado!...

—Vi hoje uma correspondencia d'aqui, inserta em o n.<sup>o</sup> 28 do «Clamor do Povo» e segundo o cumprimento de minha palavra, quanto a imparcialidade, hade permittir-me o collega correspondente d'aquella jornal que lhe diga como amigo, que, a demasiada altura a que quer elevar o sr. Faria Rego, é uma temeridade!...



